

## Manifesto antropófago<sup>1</sup>

Oswald de Andrade

Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

Tupi, or not tupi that is the question.<sup>2</sup>

Contra todas as catequeses. E contra a mãe dos Gracos.<sup>3</sup>

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago.

Estamos fatigados de todos os maridos católicos suspeitosos postos em drama. Freud acabou com o enigma mulher e com outros sustos da psicologia impressa.

O que atropelava a verdade era a roupa, o impermeável entre o mundo interior e o mundo exterior. A reação contra o homem vestido. O cinema americano informará.

Filhos do sol, mãe dos viventes.<sup>4</sup> Encontrados e amados ferozmente, com toda a hipocrisia da saudade, pelos imigrados, pelos traficados e pelos turistas. No país da cobra grande.<sup>5</sup>

<sup>1</sup> O texto original foi publicado primeiramente na *Revista de Antropofagia*, São Paulo, Ano I, nº 1, maio de 1928. É a versão que tomamos como referência, reproduzida na edição fac-simile de Metal Leve (São Paulo, 1976), mas com a grafia atualizada. Estas notas, acrescentadas ao original, visam esclarecer o estabelecimento do texto e o contexto de sua redação.

Notas de Michel Riadel, publicadas originalmente na Revue Silène: <http://www.revue-silene.com/f/index.php>. Tradução de Silvia Pimenta.

<sup>2</sup> Além da paródia transparente da célebre citação de Hamlet, a fórmula pode ecoar os debates que agitavam a *intelligentsia* paulista no início do século XX, sobre a origem «tupi» ou «tapuia» dos supostos primeiros habitantes da região de Piratininga (ou seja, São Paulo), os Guaianá. Ver a esse respeito o capítulo 9 da tese de livre-docência de John M. Monteiro, *Tupis, tapuias e historiadores. Estudos de História Indígena e do Indigenismo* (Campinas, agosto de 2001): «Tupis, Tapuias e a História de São Paulo. Revisitando a Velha Questão Guaianá» ([www.ifch.unicamp.br/ihb/estudos/TupiTapuia.pdf](http://www.ifch.unicamp.br/ihb/estudos/TupiTapuia.pdf)). Avalia-se melhor, à luz dessas discussões, o enraizamento paulista e brasileiro do interesse de Oswald de Andrade pela antropofagia, mas também os deslocamentos teóricos, a radicalidade subversiva e a perspicácia que o Manifesto impõe sobre o tema.

<sup>3</sup> Viúva de um general romano que havia derrotado os Celtiberos e exerceu a função de censor em 169 com grande severidade. Após a morte de seu marido ela se consagrou à educação de seus dois filhos, Tibério (160-133 A.C.) e Caio (152-121 A.C.), inculcando-lhes uma moral exigente. Tibério promulgou uma reforma agrária que lhe rendeu a ira dos latifundiários. Sua perseverança intransigente causou sua perda: ele foi morto com diversos partidários e seu cadáver foi jogado no rio Tibre. Seu irmão, também tribuno da plebe, deu continuidade à reforma em detrimento da aristocracia romana, que terminou por infligir-lhe o mesmo destino de Tibério, matando-o juntamente com milhares de seus sectários.

<sup>4</sup> Alusão ao capítulo XII da quinta parte («Família e religião selvagem») do livro do general Couto de Magalhães, *O Selvagem*, editado pela primeira vez em 1875 (cf. a edição comemorativa de 1975, Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: EdUSP). O livro se tornou rapidamente um clássico da etnografia brasileira.

O capítulo em questão é dedicado à «Nomenclatura dos deuses tupis» e atraiu particularmente a atenção de Oswald de Andrade, inspirando não somente referências para o manifesto, mas também o nome que dará a seu segundo filho (ver a próxima nota), Rudá, designado pelo indigenista como o «deus do amor ou da reprodução». Espécie de guerreiro habitante das nuvens, ele tem de fato a função de fazer o amor nascer no coração dos humanos, de fazê-los sentir *saudade*, a nostalgia que os reconduzirá inevitavelmente à terra natal. Sob a pena de Oswald, no entanto, o termo «saudade» (que aparece nas linhas seguintes) toma uma coloração irônica, visando o sentimentalismo dos antigos

---

Foi porque nunca tivemos gramáticas, nem coleções de velhos vegetais.<sup>6</sup> E nunca soubemos o que era urbano, suburbano, fronteiro e continental. Preguiçosos no mapa-múndi do Brasil.

Uma consciência participante, uma rítmica religiosa.

---

Contra todos os importadores de consciência enlatada. A existência palpável da vida. E a mentalidade prelógica para o Sr. Lévy-Bruhl estudar.<sup>7</sup>

---

Queremos a revolução Caraiba. Maior que a revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem.

A idade de ouro anunciada pela América. A idade de ouro. E todas as girls.

---

Filiação. O contato com o Brasil Caraíba. **Où Villeganhon print terre.**<sup>8</sup> Montaigne. O homem natural. Rousseau. Da Revolução Francesa ao Romantismo, à Revolução Bolchevista, à Revolução surrealista e ao bárbaro tecnizado<sup>9</sup> de Keyserling<sup>10</sup>. Caminhamos.

---

colonizadores portugueses. É um *topos* dos ataques modernistas, que se encontra também no romance de Mário de Andrade, *Amar, verbo intransitivo* (1927).

Os «filhos do sol» são os «viventes», criados par Guaracy, a divindade feminina do sol. Seu correspondente lunar é Jacy, «mãe dos vegetais». A cada uma delas está subordinada uma série de outras entidades sobrenaturais.

<sup>5</sup> Espírito das águas que faz os barcos virarem e adquire às vezes a forma de um navio fantasma, a «Cobra Grande» inspirará a Raul Bopp um longo poema: *Cobra Norato*, publicado em 1931. Raul Bopp foi um dos «antropófagos» ou «açougueiros» de primeira hora, e uma espécie de secretário intermitente do grupo até sua dispersão (o último número da «segunda denteção» da revista saiu no *Diário de São Paulo* em 1º. de agosto de 1929). Em *Movimentos modernistas no Brasil. 1922-1928* (Rio de Janeiro: Livraria São José, 1966), R. Bopp evoca uma «debandada geral» (p. 153), que comenta assim: Desprevenidamente, a libido entrou, de mansinho, no Paraíso Antropofágico. Cessou, abruptamente, aquele labor beneditino de trabalho. Deu-se um "changé de dame" geral. Um tomou a mulher do outro. Oswald desapareceu. Foi viver o seu novo romance numa beira de praia, nas imediações de Santos [com Patrícia Galvão, a Pagu, então grávida do futuro Rudá]. Tarsila não ficou mais em casa », op. cit., p. 93.

<sup>6</sup> Podemos eventualmente ler a frase como uma alusão aos herboristas amadores que foram Rousseau e Goethe, notadamente.

<sup>7</sup> Alusão à obra de Lucien Lévy-Bruhl: *La Mentalité primitive* (Paris, 1922), senão ao segundo livro da série de três que publicou: *L'Âme primitive* (1927). Ainda que Lévy-Bruhl aborde aí a «mentalidade das sociedades inferiores», ele de fato inflete consideravelmente a visão filosófica sobre «esses homens que denominamos, bem impropriamente, primitivos, e que estão ao mesmo tempo tão distantes e tão próximos de nós». Abrindo de certa forma a via para análises como as de Lévi-Strauss (embora este lhe dirija uma crítica severa), ele reconhece nessa mentalidade o valor de um pensamento: «[...] a atividade mental dos primitivos não será mais interpretada desde o início como uma forma rudimentar da nossa, como infantil e quase patológica. Mas aparecerá como normal nas condições em que ela se exercita, como complexa e a seu modo desenvolvida".» (Lucien Lévi-Bruhl, *A Mentalidade Primitiva*. São Paulo : Paulus, 2008. Lévi-Bruhl a qualifica como «pré-lógica», sem com isso sugerir no entanto uma cronologia equívoca entre mentalidade arcaica e pensamento moderno. A respeito das relações indígenas entre feiticeiro e animal, escreve por exemplo : « O pensamento deles," continua, "não tem as mesmas exigências lógicas que o nosso. Ele é regido, tanto neste caso como em muitos outros, pela lei da participação. É estabelecida entre o feiticeiro e o crocodilo uma relação tal que o feiticeiro se torna o crocodilo, sem, no entanto, se confundir com ele. Do ponto de vista de contradição, é preciso entre duas coisas uma delas: ou que o feiticeiro e o animal sejam um, ou que sejam dois seres distintos. Mas a mentalidade pré-lógica acomoda-se com as duas afirmações ao mesmo tempo." (ibidem, p. 44) Assim, compreendemos melhor o caráter ambivalente da referência oswaldiana, entre interesse e ironia.

<sup>8</sup> Nicolas Durand de Villegaignon conduziu em 1555 uma expedição destinada a fundar uma colônia francesa na baía de Guanabara, onde hoje se situa o Rio de Janeiro.

A citação é tirada da primeira página do capítulo V dos *Ensaio*s de Montaigne, intitulado "Dos canibais". Segundo Jean-Claude Laborie, a forma *print* é, na Renascença, uma das grafias possíveis do pretérito perfeito do verbo *prendre*. Da mesma forma que Oswald havia reescrito a história do Brasil em seus poemas de 1924, *Pau Brasil* (particularmente na série «História do Brasil»), com a apropriação irônica dos clássicos relatos de viajantes e missionários, o resgate da história nacional confiscada pelos exotes, ele realiza aqui o duplo deslocamento de uma fórmula francesa arcaizante e explora o [OK] duplo sentido que cabe a *prendre* na locução («desembarcar» e «apoderar-se de...»), ao mesmo tempo em que dirige uma homenagem a um episódio fundador da genealogia do «bom selvagem».

---

Nunca fomos catequizados. Vivemos através de um direito sonâmbulo. Fizemos Cristo nascer na Bahia <sup>11</sup>. Ou em Belém do Pará <sup>12</sup>.

---

Mas nunca admitimos o nascimento da lógica entre nós.

---

Contra o Padre Vieira.<sup>13</sup> Autor do nosso primeiro empréstimo, para ganhar comissão. O rei analfabeto dissera-lhe : ponha isso no papel mas sem muita lábia. Fez-se o empréstimo. Gravou-se o açúcar brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a lábia.

---

O espírito recusa-se a conceber o espírito sem corpo. O antropomorfismo. Necessidade da vacina antropofágica. Para o equilíbrio contra as religiões de meridiano.<sup>14</sup> E as inquisições exteriores.

---

Só podemos atender ao mundo orecular<sup>15</sup>.

---

Tínhamos a justiça codificação da vingança. A ciência codificação da Magia. Antropofagia. A transformação permanente do Tabu em totem.<sup>16</sup>

---

Contra o mundo reversível e as idéias objetivadas. Cadaverizadas. O stop do pensamento que é dinâmico. O indivíduo vítima do sistema. Fonte das injustiças clássicas. Das injustiças românticas. E o esquecimento das conquistas interiores.

---

Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros.

---

O instinto Caraíba.

---

Morte e vida das hipóteses. Da equação **eu** parte do **Cosmos** ao axioma **Cosmos** parte do **eu**. Subsistência. Conhecimento. Antropofagia.

---



---

<sup>9</sup> Neologismo de Oswald de Andrade ou erro de digitação em lugar de «tecnicizado», derivação neológica mais conforme à lógica da língua portuguesa.

<sup>10</sup> Em 1927, as edições Stock haviam publicado *O mundo que nasce*, do conde Hermann von Keyserling (1880-1946). Desse livro, segundo Benedito Nunes («Antropofagia ao alcance de todos», prefácio à edição dos manifestos: Oswald de Andrade, *Obras completas. VI. Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias. Manifestos, teses de concursos e ensaios*, Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1972), Oswald retira a ideia de uma «barbárie técnica» triunfante «na época do chauffeur», euforicamente associada ao anúncio de uma nova era de abundância e à promessa de novas aristocracias.// Esta metafísica bárbara e tecnicista, nutrida igualmente das teorias cíclicas de Oswald Spengler (1880-1936), autor de *Declínio do Ocidente* (lançado após a Primeira Guerra), se opõe, por exemplo, às teses idealistas de Graça Aranha (notadamente sua conferência «O espírito moderno», 1925). É nesse sentido que o «Manifesto antropófago» alarga um pouco mais as falhas ideológicas em torno das quais se fratura o movimento modernista brasileiro em fevereiro de 1922.

Keyserling seria recebido em 1929 por Tarsila e Oswald, em sua fazenda de Santa Teresa do Alto. Em 1932, as edições Stock publicam, do mesmo filósofo, as *Meditações sul-americanas*.

<sup>11</sup> Alusão a um samba que teve grande sucesso por volta de 1926: *Cristo nasceu na Bahia*, de Sebastião Cirino. Cf. Hermano Vianna, *O mistério do samba*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar/ UFRJ, 1995, p. 26.

<sup>12</sup> Jogo com o nome da capital do Pará e a cidade onde nasceu o Cristo.

<sup>13</sup> O jesuíta Antonio Vieira encarna aqui tanto o projeto missionário quanto a lógica colonial inspirada de racionalidade econômica em oposição à exploração predatória. A alusão visa mais especificamente o projeto que ele formulou em 1649 de criar uma companhia de exploração do açúcar produzido no Maranhão. Sobre à "lábia", Benedito Nunes remete à biografia de João Francisco Lisboa: *Vida do Padre Antônio Vieira*, Rio de Janeiro: Jackson editora, p. 275.

<sup>14</sup> Segundo Benedito Nunes, o «meridiano» qualifica aqui as religiões universais e messiânicas, em oposição às religiões tribais (e reprimidas) de negros e índios, que envolve a participação cósmica.

<sup>15</sup> Provavelmente um erro de digitação, em lugar de «oracular».

<sup>16</sup> Segunda (e não última) menção transparente a Freud, mais precisamente a um de seus livros: *Totem und Tabu*, 1912-1913.

Contra as elites vegetais <sup>17</sup>. Em comunicação com o solo.

---

Nunca fomos catequizados. Fizemos foi Carnaval. O índio vestido de senador do Império. Fingindo de Pitt. <sup>18</sup> Ou figurando nas óperas de Alencar <sup>19</sup> cheio de bons sentimentos portugueses.

---

Já tínhamos o comunismo<sup>20</sup>. Já tínhamos a língua surrealista. A idade de ouro.

Catiti Catiti

Imara Notiá

Notiá Imara

Ipeju <sup>21</sup>

---

A magia e a vida. Tínhamos a relação e a distribuição dos bens físicos, dos bens morais, dos bens dignários<sup>22</sup>. E sabíamos transpor o mistério e a morte com o auxílio de algumas formas gramaticais.

---

Perguntei a um homem o que era o Direito<sup>23</sup>. Ele me respondeu que era a garantia do exercício da possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Mathias. Comi-o.

---

Só não há determinismo — onde há mistério. Mas que temos nós com isso?

---

Contra as histórias do homem, que começam no Cabo Finisterra<sup>24</sup>. O mundo não datado. Não rubricado. Sem Napoleão. Sem César.

---

A fixação do progresso por meio de catálogos e aparelhos de televisão. Só a maquinária. E os transfusores de sangue.

---

Contra as sublimações antagônicas. Trazidas nas caravelas.

---

Contra a verdade dos povos missionários, definida pela sagacidade de um antropófago, o Visconde de Cairu<sup>25</sup>: – É a mentira muitas vezes repetida.

---

Mas não foram cruzados que vieram. Foram fugitivos de uma civilização que estamos comendo, porque somos fortes e vingativos como o Jabuti<sup>26</sup>.

---

<sup>17</sup> Podemos ler aqui uma alusão às oligarquias rurais ou aos intelectuais que «vegetam» em suas convicções conservadoras.

<sup>18</sup> William Pitt, o Novo (1759-1806), Primeiro Ministro da Grã Bretanha (como seu pai) de 1783 à 1801, e em seguida do Reino Unido, de 1804 até sua morte. Inicialmente favorável à Revolução Francesa, ele a combateu a partir de 1791 e federou a coalizão contra a França.

<sup>19</sup> Oswald de Andrade cria um curto-circuito, atribuindo a José de Alencar uma ópera que o romance dele, *O Guarani*, apenas inspirou a Carlos Gomes. Por outro lado, embora Alencar encarne aqui a literatura do passado e a representação edulcorada do índio, o modernismo permaneceu profundamente marcado por essa sensibilidade indianista, da qual é parcialmente herdeiro. Mário de Andrade chegou a incluir uma homenagem a Alencar num projeto de prefácio inacabado para *Macunaíma*.

<sup>20</sup> O capítulo IV da quinta parte de *O Selvagem* se intitula "O comunismo entre os Kayapó" e trata da divisão das mulheres.

<sup>21</sup> «Lua Nova, ó Lua Nova, assopra em Fulano lembranças de mim», segundo *O Selvagem*, op. cit., p. 89. Com efeito, segundo Couto de Magalhães, a função da Lua Nova (Catiti) era a de despertar no amante ausente a lembrança nostálgica da bem amada.

<sup>22</sup> Outro possível erro de digitação, em lugar de «dignitários».

<sup>23</sup> A tradição jurídica era particularmente bem representada nos estudos superiores em Portugal e permaneceu uma opção de formação no Brasil até meados do século XX.

<sup>24</sup> Em Portugal.

<sup>25</sup> José da Silva Lisboa, Visconde de Cairu, foi um economista liberal do início do século XIX. Ele encorajou D. João VI a abrir os portos brasileiros a todas as "nações amigas" de Portugal, isto é, aos navios ingleses.

---

Se Deus é a consciência do Universo Incriado, Guaraci é a mãe dos viventes. Jaci é a mãe dos vegetais.<sup>27</sup>

---

Não tivemos especulação. Mas tínhamos adivinhação. Tínhamos Política que é a ciência da distribuição. E um sistema social planetário.

---

As migrações. A fuga dos estados<sup>28</sup> tediosos. Contra as escleroses urbanas. Contra os Conservatórios, e o tédio especulativo.

---

De William James<sup>29</sup> a Voronoff<sup>30</sup>. A transfiguração do Tabu em totem. Antropofagia.

---

O pater famílias e a criação da Moral da Cegonha: Ignorância real das coisas + falta de imaginação + sentimento de autoridade ante a procuriosa<sup>31</sup>.

---

É preciso partir de um profundo ateísmo para se chegar à idéia de Deus. Mas o caraíba não precisava. Porque tinha Guaraci.

---

O objetivo criado reage como os Anjos da Queda. Depois Moisés divaga. Que temos nós com isso?

---

Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade.

---

Contra o índio de tocheiro. O índio filho de Maria, afilhado de Catarina de Médicis e genro de D. Antônio de Mariz<sup>32</sup>.

---

---

<sup>26</sup> Couto de Magalhães coligiu uma série de "lendas do Jabuti" na última parte de seu livro. Designando uma tartaruga de terra, na mitologia tupi o jabuti encarna a sagacidade, paciência e a resistência física.

<sup>27</sup> Ver nota 4 acima.

<sup>28</sup> Ambiguidade (talvez intencional) entre Estados e estados (de alma, de espírito).

<sup>29</sup> Considerado um dos pais do pragmatismo, este célebre psicólogo e filósofo estadunidense (1842-1910), irmão do escritor Henry James, interessou-se «cientificamente» pelos fenômenos paranormais como as manifestações de espíritos ou fantasmas.

<sup>30</sup> De origem russa, Serge Voronoff radicou-se na França e ficou famoso nos anos 1920 por enxertar tecido de testículos de macacos em testículos de homens. Nas obras de Cummings, Conan Doyle e dos Irmãos Marx faz-se alusões às suas experiências. Em 1926, publicou *Étude sur la vieillesse et le rajeunissement*, seguido por *The Conquest of Life* dois anos mais tarde. Sua aura declinou com o descrédito envolvendo suas práticas e terminou por encarnar a figura ridícula do pseudo-sábio. De todo modo, a menção nos conduz novamente aos confins (no caso, faustianos) do tecnicismo e do corpo fantasmado, do imaginário.

<sup>31</sup> Na edição fac-símile, aparece a forma incompreensível «pro-curiosa» (o hífen marcando aparentemente a divisão silábica de uma palavra que se estende por duas linhas). Certas edições posteriores pretenderam esclarecer a passagem [substituindo-a] por «prole curiosa». Na ausência de elementos autorizando essa leitura, preferimos manter a opacidade original.

<sup>32</sup> A passagem encadeia três referências distintas, que têm em comum formas de domesticação do "selvagem": as esculturas das igrejas barrocas de Minas Gerais, construídas no século XVIII; a dos Tupinambás levados à França e apresentados na festa realizada em Rouen em homenagem a Henrique II, em 1 e 2 de outubro de 1550; finalmente, a que remete ao romance de Alencar, *O Guarani* (1857). A segunda alusão talvez tenha sido inspirada pelo texto de Ferdinand Denis, *Une fête brésilienne célébrée à Rouen em 1550* seguido de um *Fragment du XVIIe siècle roulant sur la théogonie des anciens peuples du Brésil et des poésies en langue tupique de Christovan Valente*, Paris: J. Techener Librairie, 1850. O autor assinala, sem deixar de emitir algumas dúvidas sobre sua veracidade, a anedota contada por Frei Vicente de Salvador e contestada pelo historiador Varnhagen: no meio das festividades, a índia Paraguaçu teria sido apresentada à Rainha Catarina de Médicis, em companhia de seu marido Diogo Álvares Correa, um marinheiro português resgatado de um naufrágio. A Rainha teria então desejado renomeá-la com seu próprio nome, Catarina. A índia teria também sido batizada em 28 de outubro de um ano desconhecido... Mais provavelmente, F. Denis evoca a presença de Montaigne, que se lembrará desse episódio e dos contatos que teve com marinheiros à época da redação de suas reflexões sobre os "canibais".

\_\_\_\_\_

A alegria é a prova dos nove.

\_\_\_\_\_

No matriarcado de Pindorama.<sup>33</sup>

\_\_\_\_\_

Contra a Memória fonte do costume. A experiência pessoal renovada.

\_\_\_\_\_

Somos concretistas. As idéias tomam conta, reagem, queimam gente nas praças públicas. Suprimamos as idéias e as outras paralisias. Pelos roteiros. Acreditar nos sinais, acreditar nos instrumentos e nas estrelas.

\_\_\_\_\_

Contra Goethe, a mãe dos Gracos, e a Corte de D. João VI<sup>34</sup>.

\_\_\_\_\_

A alegria é a prova dos nove.

\_\_\_\_\_

A luta entre o que se chamaria Incriado e a Criatura-ilustrada pela contradição permanente do homem e o seu Tabu. O amor cotidiano e o *modus vivendi* capitalista. Antropofagia. Absorção do inimigo sacro. Para transformá-lo em totem. A humana aventura. A terrena finalidade. Porém, só as puras elites conseguiram realizar a antropofagia carnal, que traz em si o mais alto sentido da vida e evita todos os males identificados por Freud, males catequistas. O que se dá não é uma sublimação do instinto sexual. É a escala termométrica do instinto antropofágico. De carnal, ele se torna eletivo e cria a amizade. Afetivo, o amor. Especulativo, a ciência. Desvia-se e transfere-se. Chegamos ao aviltamento. A baixa antropofagia aglomerada nos pecados de catecismo – a inveja, a usura, a calúnia, o assassinato. Peste dos chamados povos cultos e cristianizados, é contra ela que estamos agindo. Antropófagos.

---

Contra Anchieta cantando as onze mil virgens do céu, na terra de Iracema, – o patriarca João Ramalho<sup>35</sup>, fundador de São Paulo.

\_\_\_\_\_

A nossa independência ainda não foi proclamada. Frase típica de D. João VI: – Meu filho, põe essa coroa na tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça! Expulsamos a dinastia. É preciso expulsar o espírito bragantino, as ordenações e o rapé de Maria da Fonte<sup>36</sup>.

---

D. Antonio de Mariz, venerável proprietário rural, é o pai de Ceci, por quem o índio Peri se apaixona em *O Guarani*.

<sup>33</sup> Convencionalmente, Pindorama é o termo tupi para designar o Brasil, admitindo-se que existisse entre os ameríndios, no momento do descobrimento, a consciência de um país correspondente aos contornos atuais do Brasil.

No século XIX, Lewis Henry Morgan havia feito do matriarcado uma forma primitiva de organização social, precedendo o estágio mais complexo do patriarcado. Diversos autores, como Engels, aderiram a esta tese, sempre numa perspectiva evolucionista da história da humanidade. Oswald de Andrade, ainda visivelmente impregnado dessa teoria, retoma-a mas a inverte, isto é, fazendo uma espécie de utopia primitivista que tomará em sua obra, nos anos 40-50, os contornos de um messianismo.

<sup>34</sup> O processo de emancipação do país aparece para Oswald de Andrade como um *trompe-l'œil* mantendo o cordão umbilical com a antiga metrópole. É assim que devemos interpretar o penúltimo parágrafo do Manifesto e compreender a data escolhida pelo movimento modernista para organizar a Semana de Arte Moderna: 1922, um século após a independência formal, ainda sem a independência dos espíritos.

<sup>35</sup> Encarna miticamente a futura linhagem paulista dos bandeirantes, em contraposição a seu contemporâneo Anchieta, que fundou em 1554 um centro de educação indígena ao redor do qual se originou a «Vila de São Paulo». Grande mecenas dos modernistas, Paulo Prado o opõe, em seu *Retrato do Brasil*, publicado em novembro de 1928, a dois outros «patriarcas», Jerônimo de Albuquerque que abriu uma vasta linhagem voltada para o Nordeste, e o famoso Diogo Álvares Caramuru, marido de Paraguaçu, segundo ele a Índia da festa de Rouen. Mas Paulo Prado insiste no terceiro tronco, «de grande linhagem mestiça». Homem do século XVI, precocemente inserido entre os Ameríndios, por este motivo atuou como intermediário na chegada dos colonos portugueses, João Ramalho é, para o autor, «o antepassado típico, [...] fisicamente forte, saudável, longo, desabusado e independente», concentrando «as qualidades com que dotou gerações e gerações de descendentes.»

<sup>36</sup> Sendo a Igreja católica e o colonizador português os principais alvos do Manifesto, Maria da Fonte encarna aqui o provincianismo estreito e medíocre da Casa de Bragança: o apelido designa uma obscura

---

Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud – a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama.

OSWALD DE ANDRADE

Em Piratininga.  
Ano 374 da Deglutição do Bispo Sardinha.<sup>37</sup>

---

mulher do Minho que, com algumas outras, teria estado na origem da insurreição popular de 1846, no norte de Portugal, que resultou em mais uma revolução palaciana.

<sup>37</sup> Piratininga designa São Paulo em língua tupi. Quanto a Sardinha, o primeiro bispo da colônia brasileira, naufragou e foi capturado pelos índios Caetés.